

Campus Jaru
Coordenação do curso de Medicina Veterinária

NATIELLI GOMES DA COSTA

ESPOROTRICOSE FELINA - RELATO DE CASO

JARU
2025

NATIELLI GOMES DA COSTA

ESPOROTRICOSE FELINA - RELATO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – *Campus* Jaru para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Professor Me. Marcos José de Oliveira.

**JARU
2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Costa, Natielli Gomes da.
Esporotricose felina - relato de caso / Natielli Gomes da Costa. -
Jaru, 2025.
24 f. : il.

Orientador(a): Marcos José de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Jaru, 2025.

1. Esporotricose. 2. Zoonose. 3. Itraconazol. 4. Complexo *Sporothrix*. I. Oliveira, Marcos José de (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916

Esporotricose felina- Relato de caso

Feline sporotrichosis - Case report

Esporotricosis felina - Informe de un caso

Recebido: 25/04/2025 | Revisado: 06/05/2025 | Aceitado: 07/05/2025 | Publicado: 10/05/2025

Natielli Gomes da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2869-6404>
Instituto Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: natielligcosta@gmail.com

Marcos José de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6696-2032>
Instituto Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: marcos.jose@ifro.edu.br

Amanda Carolina Barbosa de Aguiar

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2742-1700>
Universidade de São Paulo, Brasil
E-mail: amanda18carolina@gmail.com

Joice Aline Neves do Nascimento Magalhães

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6472-9358>
Instituto Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: Joice.nn16@gmail.com

Maria Angelica Vieira Netto

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2484-9175>
Instituto Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: mariavn002@gmail.com

Gislaine de Oliveira Elizeu

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5612-2263>
Instituto Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: gislaine.oliveira.e@gmail.com

Victor Gabriel Farias Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4137-7870>
Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil
E-mail: Victor_gabrielf@outlook.com

Janaina Rodrigues Raiser

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6244-9505>
Instituto Federal de Rondônia, Brasil
E-mail: janainarodriguesraiser@gmail.com

Resumo

A esporotricose é uma infecção fúngica na pele que é caracterizada pela formação de nódulos subcutâneos com evolução de ferida com característica ulcerativa. É causada por fungos pertencentes ao grupo *Sporothrix schenckii*, normalmente encontrado no solo. Esporotricose é considerada uma zoonose, pois pode afetar seres humanos, sua principal forma de infecção é por penetração traumática do fungo na pele. O objetivo do presente trabalho, é relatar um caso clínico de esporotricose, de um felino fêmea castrada, atendida em um hospital veterinário na cidade de Ji Paraná- RO. A queixa principal da tutora, foi o aparecimento de uma lesão ulcerada e profunda, no membro pélvico direito do animal, não foram observadas nenhuma outra alteração durante o atendimento. Foi realizada a coleta de material, por meio de imprint da lesão, a fim de realizar o exame citológico, ao microscópio foi possível observar uma grande quantidade de estruturas fúngicas leveduriformes, compatíveis com complexo *Sporothrix*. O tratamento consistiu em itraconazol, administrado via oral e para uso tópico uma pomada manipulada, contendo, dexametasona, óleo de copaíba e miconazol. O animal realizava retorno a cada 30 dias para observar a evolução no quadro de cicatrização da lesão, o tratamento teve fim após um período de quatro meses.

Palavras-chave: Esporotricose; Zoonose; Itraconazol; Complexo *Sporothrix*.

Abstract

Sporotrichosis is a fungal skin infection characterized by the formation of subcutaneous nodules with the development of ulcerative wounds. It is caused by fungi belonging to the *Sporothrix schenckii* group, normally found in soil. Sporotrichosis is considered a zoonosis because it can affect humans. Its main form of infection is through traumatic penetration of the fungus into the skin. The objective of this study is to report a clinical case of sporotrichosis in a spayed female feline treated at a veterinary hospital in the city of Ji Paraná, RO. The owner's main complaint was the appearance of a deep ulcerated lesion on the animal's right pelvic limb. No other changes were observed during

treatment. Material was collected by means of an imprint of the lesion in order to perform cytological examination. Under the microscope, it was possible to observe a large amount of yeast-like fungal structures, compatible with the *Sporothrix* complex. The treatment consisted of itraconazole, administered orally, and a compounded ointment containing dexamethasone, copaiba oil and miconazole for topical use. The animal was returned every 30 days to observe the progress of the wound healing process; the treatment ended after a period of four months.

Keywords: Sporotrichosis; Zoonosis; Itraconazole; *Sporothrix* complex.

Resumen

La esporotricosis es una infección fúngica de la piel que se caracteriza por la formación de nódulos subcutáneos con desarrollo de heridas ulcerativas. Es causada por hongos pertenecientes al grupo *Sporothrix schenckii*, normalmente encontrados en el suelo. La esporotricosis se considera una zoonosis, ya que puede afectar a los humanos; Su principal forma de infección es a través de la penetración traumática del hongo en la piel. El objetivo de este trabajo es relatar un caso clínico de esporotricosis en una felina esterilizada atendida en un hospital veterinario de la ciudad de Ji Paraná-RO. La principal queja del propietario fue la aparición de una lesión ulcerada profunda en la extremidad pélvica derecha del animal. No se observaron otros cambios durante el tratamiento. El material se recolectó mediante impronta de la lesión para realizar el examen citológico. Al microscopio fue posible observar una gran cantidad de estructuras fúngicas levaduriformes, compatibles con el complejo *Sporothrix*. El tratamiento consistió en itraconazol, administrado por vía oral, y para uso tópico un ungüento compuesto que contenía dexametasona, aceite de copaiba y miconazol. El animal regresó cada 30 días para observar el progreso del proceso de cicatrización de la herida; El tratamiento finalizó después de un período de cuatro meses.

Palabras clave: Esporotricosis; Zoonosis; Itraconazol; Complejo *Sporothrix*.

1. Introdução

A esporotricose é uma micose subcutânea, caracterizada por lesões piogranulomatosas, possuindo uma ampla distribuição geográfica, sendo causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, acomete uma variedade de animais e o homem (Pimentel *et al.*, 2011).

A principal espécie relacionada a esporotricose, o *Sporothrix schenckii* é um fungo geofílico, dimórfico e sapróbio, que possui uma grande distribuição na natureza, especialmente em solos ricos em matéria orgânica em decomposição, madeiras, musgos e folhas secas. Se apresentam na forma micelial em temperaturas que variam entre 25 e 30 °C, já em temperaturas de 37 °C se apresentam como leveduras (Bazzi, 2016; Sordi, 2023).

Foi primeiramente descrita no ano de 1898, nos Estados Unidos por Benjamin Schenck, mesmo que prevalente nos Estados Unidos a enfermidade possui grande importância epidemiológica no México e Brasil (Larsson, 2011). O agente etiológico que mais prevalece em território brasileiro acometendo humanos e animais é o *S. brasiliensis*. (Gonçalves *et al.*, 2019).

Gatos machos, não castrados e de vida livre, possuem grande importância no papel epidemiológico, dessa enfermidade (Pires, 2017). Os surtos de doenças são relatados tradicionalmente como surtos epidêmicos, sendo atualmente considerada um problema na saúde pública devido seu alto potencial zoonótico, a forma de transmissão entre humanos e animais se dá através da inoculação do agente por meio de mordeduras e arranhaduras (Meirnz *et al.*, 2007; Gonçalves *et al.*, 2019).

O termo zoonoses refere-se ao tipo de doenças que são transmitidas entre animais e humanos. Mais de 200 doenças são consideradas zoonoses de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), entre elas estão a toxoplasmose, leishmaniose e esporotricose (Souza *et al.*, 2024). A primeira epidemia de esporotricose registrada no Brasil ocorreu no ano de 1998, no estado do Rio de Janeiro, desde então a doença tomou grandes proporções, acometendo principalmente pessoas de baixa classe social, atualmente é uma doença de notificação obrigatória. (Barros *et al.*, 2010).

O diagnóstico da esporotricose ocorre, por meio de sinais clínicos, histórico do paciente e exames complementares, como histopatologia, e reação em cadeia polimerase (PCR). Entretanto, o diagnóstico considerado padrão ouro para detecção dessa enfermidade é a cultura micológica (Silva *et al.*, 2018, Almeida *et al.*, 2018).

Diante do exposto, o presente trabalho artigo tem como objetivo apresentar um relato de caso sobre a Esporotricose felina.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa e do tipo específico de relato de caso clínico (Pereira et al., 2018). Esta pesquisa respeita a questão ética e foi submetida e aprovada em comitê de ética veterinária da instituição. Fez-se também de modo secundário para apoio à pesquisa principal do estudo de caso clínico, uma breve revisão narrativa da literatura (Casarin et al., 2020; Rother, 2007) secundária, a qual buscou na base de dados do Google Acadêmico, informações com as seguintes palavras de busca: Esporotricose, zoonose, itraconazol, complexo *Sporothrix*.

3. Revisão de Literatura

A esporotricose é uma doença infecciosa, que causa lesões piogranulomatosas, anteriormente era reconhecido, que apenas uma espécie era patogênica, o *Sporothrix schenckii*, entretanto, atualmente, é conhecido que seis espécies do fungo causam a enfermidade, passando a ser conhecido como complexo *S. schenckii* (Rodrigues, 2013; Cruz, 2013). Dentro deste complexo estão incluídos; *S. albicans*, *S. brasiliensis* (principal espécie no Brasil), *S. mexicana* (México), *S. globosa* (sendo principalmente disseminada em países como Reino Unido, Espanha, Itália, China, Japão, EUA e Índia) e *S. schenckii* (Mahajan, 2014).

O *Sporothrix* spp. pertence ao reino fungi, Família Ophiostomataceae, Ordem Ophiostomatales, Classe Pyrenomycetes Subclasse Euascomycetes, Divisão Ascomycota (Larsson, 2011; Freitas, 2014). Como mencionado anteriormente é um fungo dimórfico geófilo e saprófita, sendo altamente disseminado na natureza, especialmente em matérias orgânicas em decomposição (solo, troncos de madeira e vegetais), tendo um rápido crescimento em locais quentes e úmidos (Ferreira, 2018). Durante anos foi considerada uma dermatopatia de ocupação profissional, já que era ocorrentes em agricultores, horticultores e jardineiros (Gonçalves, 2019).

É uma doença cosmopolita, sendo considerada a micose subcutânea de maior prevalência na América latina, principalmente no Brasil (Gondim & Leite, 2020). Já foi descrita em diversas espécies animais, incluindo bovinos, suínos, equinos, golfinhos, muare e o homem (Farias et al., 2016).

Felinos principalmente os machos não castrados, que possuem vida livre, exibem um grande papel na epidemiologia desta enfermidade, pois possuem o hábito de cobrir objetos com terra, arranhar troncos de árvores, com o objetivo de afiar as unhas, além de apresentar também um comportamento territorialista, os levando a disputas por território, facilitando a inoculação do agente e a sua disseminação (Pires, 2017).

A inoculação do agente no hospedeiro se dá através de uma penetração traumática, seja por mordedura ou arranhadura. O agente nesse momento pode continuar no local da inoculação ou se disseminar através da via hematogênica, se estabelecendo em outros órgãos como trato gastrointestinal e olhos. O sistema imunológico do hospedeiro determina a forma que a doença vai se instalar no mesmo (Larsson, 2011; Blankeheim, Xavier & Freitas, 2023).

Em felinos a esporotricose se manifesta de três formas, linfocutânea, cutânea disseminada e cutânea localizada. Sendo a forma mais comum a cutânea localizada, que se manifesta através de lesões purulentas, crostosas e nodulares (Rocha, Oliveira, 2024).

Se não tratada, a forma cutânea localizada pode progredir para a forma linfocutânea, acometendo os linfonodos regionais, causando linfangite e linfadenite, bem como ocorrer a disseminação sistêmica através dos vasos sanguíneos, acometendo vários órgãos, como o fígado, e os pulmões, ademais, na literatura também tem sido relatado, acometimento de baço, rim, testículos e glândulas mamárias (Welsh, 2003).

Além dessas apresentações clínicas, os animais podem apresentar formas extra cutâneas, apresentando sinais respiratórios mais frequentemente, como espirros, secreção nasal e dispneia. Podem ser observados também, febre alta, emagrecimento progressivo, vômitos, anorexia e desidratação (Greene, 2015).

O diagnóstico clínico da doença se dá através de um compilado de informações a respeito dos aspectos clínicos, epidemiológicos e de informações laboratoriais (Barros *et al.*, 2011). Durante a prática na clínica veterinária, é comum realizar o imprint das lesões para diagnóstico citopatológico da esporotricose. No imprint, se encosta diretamente na lesão uma lâmina de vidro para observação microscópica, que posteriormente será corada com o kit panótico rápido, que consiste em uma bateria de corantes que coram células em 1 minuto (Macedo-Sales *et al.*, 2018).

Considerado o padrão ouro para o diagnóstico da esporotricose, está a cultura fúngica do complexo *S. schenkii*, embora outros padrões laboratoriais já estejam bem definidos, com a cultura fúngica é possível fazer a identificação micromorfológica e macromorfológica das estruturas fúngicas (Macedo-Sales *et al.*, 2018).

De acordo com (Miranda *et al.*, 2011), o crescimento fúngico pode muitas vezes não ser observado, devido alguns fatores como, transporte incorreto do material, ou contaminação do material com microrganismos saprofíticos, outro aspecto a ser considerado é a manutenção da cultura, que pode levar um longo período considerando que pode apresentar um crescimento lento.

Para o isolamento do agente etiológico a partir da cultura fúngica, (Junior & Cortezi 2023) apontam que o processo é realizado em duas etapas, sendo a primeira etapa, o isolamento da forma micelial, com duração entre 10 e 14 dias, à uma temperatura de 25 °C, permitindo assim a identificação micro e macroscópica do fungo, já, a segunda etapa consiste no isolamento a uma temperatura de 37°C, para que ocorra a mudança para um leveduriforme e assim ser confirmado o dimorfismo.

Em virtude da variedade de manifestações clínicas da esporotricose, existe um amplo conjunto de diagnósticos diferenciais, entre eles, piodermite profunda, infecção micobacteriana oportunista, demodicose e penetração de corpos estranhos, histoplasmose, nocardiose cutânea, doenças alérgicas, actinomicose e criptococose (Schetman, 2010; Quirino 2018; Junior & Cortezi 2023).

Achados citopatológicos da criptococose também são semelhantes àqueles encontrados na esporotricose, mas em geral o *Sporothrix spp.* é mais alongado que o *Cryptococcus neoformans* (Quirino, 2018).

Em felinos, o tratamento da esporotricose é mais complexo, exigindo um período prolongado de tratamento. Além disso, os resultados do tratamento podem ser influenciados pelas regiões anatômicas acometidas, bem como pelo grau de comprometimento do sistema imunológico do animal (Greene, 2015).

No tratamento da esporotricose é preconizado o uso de azólicos como itraconazol e cetoconazol, também podem ser usados posaconazol e fluconazol, o tratamento para essa enfermidade é longo, e já foi relatado um período de até 23 meses (Santos *et al.*, 2018; Cavalcanti *et al.*, 2018).

Durante muitos anos, o iodeto de potássio foi amplamente utilizado para o tratamento da esporotricose, sendo bem tolerado em cães e em humanos, nos felinos seu uso é proibido devido a intoxicação na espécie, provocando sinais como vômito, descamação de pele e insuficiência cardíaca (Jericó, Neto & Kogika, 2023).

Outro fármaco é a anfotericina B, um fungicida que possui uma ampla eficácia em uma variedade de espécies de fungos, foi o tratamento de escolha para humanos e animais que possuíam alguma micose sistêmica, esse fungicida causa a morte celular, pois altera a estabilidade na membrana da célula fúngica ao se ligar com o ergosterol, causando também uma ativação da captação dos macrófagos, levando a destruição dos fungos (Little, 2016).

Atualmente o tratamento de escolha é com itraconazol utilizado na dose de 10 mg/kg via oral, a cada 24 horas, devido a sua segurança e eficácia quando comparado aos demais fármacos antifúngicos (Rocha, 2014). O tratamento deve continuar

após 30 dias do desaparecimento dos sinais clínicos, os casos de recidiva após a descontinuação do tratamento são comuns (Ettinger, Feldman & Coté, 2022).

Segundo Gusmão (2010) o frequente abandono de felinos acometidos pela doença, bem como a descontinuidade do tratamento, se dá pela dificuldade em administração do fármaco por via oral, a contaminação de familiares, e também o longo período de tratamento dessa enfermidade.

A esporotricose, por se tratar de uma zoonose, também é um problema na saúde pública. Como mencionado por Pires (2017) a primeira epidemia da doença, no Brasil, ocorreu no ano de 1998 no estado do Rio de Janeiro, acometendo principalmente pessoas com classes sociais baixas, além disso, pessoas que trabalham diretamente com animais, como médicos veterinários, são um grupo de risco para a doença. Segundo Coura (2013) vários fatores influenciam nas manifestações clínicas apresentadas por humanos, dentre esses fatores é possível citar, o estado imunológico do hospedeiro, a profundidade da inoculação traumática e o tamanho do inóculo.

Devido a dificuldade de diagnóstico e tratamento, a esporotricose segue sendo uma zoonose negligenciada, mesmo que apresente uma grande relevância devido a variação de manifestações clínicas, bem como, problemas de isolamento social e casos de depressão, devido a aparência das lesões (Assis *et al.*, 2022).

Algumas práticas fundamentais a serem adotadas objetivando o controle da transmissão da doença, são atividades voltadas para educação, saúde e a mobilização da comunidade, entretanto a melhor forma de controle da transmissão, é aumentar esforços para o controle populacional de felinos (Tóffoli *et al.*, 2022).

4. Relato de Caso

Foi atendido em um Hospital Veterinário, no dia 06 de junho de 2023, na cidade de Ji-Paraná, Rondônia, um felino fêmea castrada, sem raça definida, com três anos de idade, pesando 3 kg. A queixa principal da tutora foi o aparecimento de uma lesão ulcerada e profunda, no membro pélvico direito do animal. Quando questionada a tutora relatou que o animal possuía um hábito de vida livre, com livre acesso à rua, ademais o animal não apresentava nenhuma outra manifestação clínica.

No exame físico foi possível observar que o animal se encontrava com escore corporal normal (cinco) , em uma escala de um a nove, conforme os parâmetros estabelecidos pela World Small Animal Veterinary Association (WSAVA). As mucosas se apresentavam normocoradas, no membro posterior direito, observou-se a presença da lesão cutânea única, ulcerada, com tecido necrótico e crostas (Figura 1). Durante o atendimento, nenhuma outra alteração foi observada. A frequência cardíaca do paciente foi de 140 bpm, enquanto a frequência respiratória estava em 120 rpm, valores que se encontram dentro dos parâmetros fisiológicos normais para a espécie, conforme descrito por Feitosa (2020).

Figura 1 - Lesão no membro posterior direito, durante a primeira consulta.



Fonte: Aguiar (2023).

Após a realização do exame físico, procedeu-se à coleta de material da lesão ulcerada por meio da técnica de *imprint*, com o objetivo de realizar a análise citológica. A lâmina foi corada com o *kit* panótico rápido e posteriormente levada ao microscópio, com aumento de 100x, para observação, onde foi possível observar uma grande quantidade de estruturas fúngicas leveduriformes, compatíveis com complexo *Sporothrix*, assim como descrito por Junior e Cortezi (2023).

O material coletado também foi encaminhado ao laboratório, para realização de cultura fúngica, conforme descrito por Anazario et. al (2023), o qual resultou positivo para *S. schenckii*.

O exame hematológico não apresentou alterações significativas, todos os valores estavam dentro do padrão de referência para a espécie, conforme descrito por Weiss, Wardrop, Schalm (2010). A seguir a Tabela 1, apresenta os dados do exame hematológico da felina.

Tabela 1 - Exames Hematológicos da felina.

Eritrograma	Resultado	Referência
Hemácias	6,83/u ³	05 a 10
Hemoglobina	12,1g/dL	8 a 15
Hematócrito	33,10%	24 a 45
VCM	48,6 fL	39 a 55
CHCM	36,5 g/dL	31 a 35

Fonte: Hospital Veterinário Amigo dos Animais.

Como o tratamento para a esporotricose, foi prescrito itraconazol (150 mg), manipulado, na dose de 50 mg/kg, administração por via oral 1 comprimido ao dia (SID), durante 60 dias, associado com silimarina de 80 mg, para proteção hepática. Também foi receitado para uso tópico uma bisnaga de pomada antifúngica, sendo essa composta por: dexametasona 0,1%, óleo de copaíba 1%, e miconazol 2%, manipulado.

Para a limpeza da lesão, a tutora foi instruída a fazer a limpeza no local, com soro fisiológico e logo após aplicar a pomada, duas vezes ao dia (BID). Sempre alertando para o uso de luvas e o cuidado com a administração do fármaco via oral, a fim de evitar mordidas e arranhaduras.

Após 30 dias de tratamento, a paciente retornou ao consultório apresentando uma melhora significativa na lesão, com evidente progressão do tecido de granulação, indicando um avanço no processo de cicatrização. Apesar da melhora clínica observada, a lesão ainda apresentava dimensões consideráveis. Diante disso, optou-se pela continuidade do tratamento. O acompanhamento foi realizado em intervalos de 30 dias, permitindo a avaliação da evolução do processo de cicatrização. O tratamento teve fim após um período de quatro meses, com recuperação total da lesão (Figuras 2 e 3).

Figura 2 - Primeiro retorno após 30 dias do atendimento.



Fonte: Aguiar (2023).

Figura 3 - Último retorno do animal após 120 dias da primeira consulta.



Fonte: Aguiar (2023).

5. Resultados e Discussão

De acordo com Costa e Teixeira, (2021), a esporotricose acomete, especialmente gatos machos não castrados, com idade aproximada de 24 meses, que estão em fase reprodutiva e possuem livre acesso à rua. Durante esse período a transmissão é facilitada, devido a disputa territorial, e a disputa por fêmeas (Sordi, 2023). No caso em questão, foi relatado o registro de uma fêmea sem raça definida (SRD), castrada, que mantinha um estilo de vida livre, o que representa uma divergência parcial em relação às informações frequentemente documentadas na literatura científica.

Nos felinos as manifestações clínicas da doença ocorrem em três principais formas: cutânea, linfocutânea e doença disseminada (Ettinger & Feldman, Coté, 2022). A forma mais comumente observada, é a cutânea onde é possível observar lesões ulceradas, com exsudato castanho escuro (Little 2016).

No presente relato o animal apresentava uma lesão ulcerada no membro pélvico direito corroborando com Phillippe (2024) que cita, que as lesões podem ocorrer preferencialmente em algumas regiões anatômicas como, plano nasal, cabeça, membros e cauda.

Voese (2021) descreveu um caso de esporotricose na forma ocular em um felino, caracterizada como uma apresentação atípica, devido a essa particularidade, a condição pode ser subdiagnosticada e confundida com outras micoses sistêmicas, bem como com processos infecciosos ou neoplásicos.

O diagnóstico presuntivo da esporotricose pode ser obtido por anamnese, epidemiologia, manifestações clínicas e exames complementares (Jericó, Neto & Kogika, 2023). Pelas lesões do animal foi possível suspeitar-se da doença, porém para confirmação foi realizado uma citologia por *imprint* e uma cultura fúngica.

Na veterinária, a citopatologia através da impressão das lesões em lâminas é uma opção rápida e econômica (Silva & Bentubo, 2021; Rocha, 2024). Oliveira *et. al* (2021) citam que o *imprint* de lesão, corada com o panóptico, é uma alternativa disponível na maioria das clínicas veterinárias, permitindo evidenciar, a presença de *Sporothrix* nas lesões.

A cultura fúngica é considerado padrão ouro para o diagnóstico da esporotricose, sendo possível isolar e identificar adequadamente o gênero do agente (Pires, 2017; Macedo-Sales, 2018; Ribeiro 2021). Neste caso foi realizado um *imprint* da lesão e posteriormente realizado uma cultura fúngica, tal método também foi relatado por Schneider *et. al* (2022).

Ferreira, Pereira (2021) destacam que os medicamentos manipulados, permite ao veterinário a individualização de esquemas terapêuticos, já que a manipulação é feita obedecendo as particularidades farmacológicas do paciente, levando em consideração, espécie, raça e sexo.

O medicamento de eleição para o tratamento em felinos é o Itraconazol, que deve ser administrado por via oral, em intervalos de doze a vinte e quatro horas, por no mínimo quatro semanas após a cicatrização de todas as feridas (Lupion, 2011; Silva *et. al*, 2020; Mendes, Sinhorini, Cortez, 2022).

No caso descrito, o felino pesava 3 kg e foi prescrito 150mg de itraconazol, para manipulação em farmácia humana, sendo utilizada a dose de 50mg/kg, corroborando com estudos de Gremião *et.al* (2020), que afirmam que o itraconazol deve ser administrados nas seguintes doses: 100 mg/kg para felinos que pesam acima de 3 kg, 50 mg/kg para felinos com peso entre 1 e 3 kg e 25 mg/kg para felinos que pesam até 1 kg.

Em associação ao itraconazol, foi prescrita a silimarina, corroborando com o que foi descrito por Cagnini (2019), que em seu estudo, utilizou a combinação desses fármacos visando à proteção hepática em felinos. Adicionalmente, instituiu-se tratamento tópico com pomada de ação antifúngica e anti-inflamatória, conforme relatado por Pinto (2018).

A dexametasona atua no organismo como um potente anti inflamatório, que atua reduzindo o mecanismo de ação que leva a inflamação (Souza, 2024). O miconazol é utilizado para fungos de aspecto leveduriforme, penetrando rapidamente na pele, sendo absorvido menos de 1% na circulação (Nobre *et.al* 2002; Martins & Silva, 2010).

O óleo de copaíba destaca-se amplamente no uso popular devido à sua origem natural e às suas propriedades terapêuticas, esse óleo apresenta comprovada ação anti-inflamatória, cicatrizante, emoliente e antibacteriana, além disso, contribui para a recuperação das funções das membranas e mucosas, promovendo a modificação das secreções e facilitando o processo de cicatrização (Martins & Silva 2010; Yamaguchi & Garcia, 2012).

Silva (2015) conduziu um estudo experimental em ratos, no qual foi demonstrado que a aplicação tópica do óleo de copaíba, tanto na forma de pomada quanto em sua forma pura, promoveu efeitos positivos no processo de cicatrização de feridas, conforme evidenciado por análises micro e macroscópicas.

Em seu estudo Reis (2016) menciona que o tempo médio para tratamento da esporotricose, pode variar entre 4 e 9 meses, período que coincide com a duração necessária para a resolução do caso em questão.

Coura (2013) e Greene (2015) afirmam que, o tratamento da esporotricose deve ser mantido até 4 semanas após a resolução dos sintomas e quando não tratada corretamente, pode haver reincidência do quadro, normalmente com sinais respiratórios.

O monitoramento medicamentoso de acordo com Little (2016) deve ser realizado periodicamente para evitar efeitos colaterais, bem como, a toxicidade medicamentosa.

Em geral o prognóstico para a esporotricose é bom, inclusive nos pacientes imunossuprimidos, entretanto em raros casos podem evoluir, para a forma incapacitante ou mesmo fatal, fatores que dependem da imunidade e tempo de evolução, além da espécie de *Sporothrix* (Bison, 2019).

6. Conclusão

O rápido diagnóstico e acompanhamento clínico demonstrou a eficácia da terapia antifúngica, desse modo o paciente relatado apresentou uma rápida recuperação, reforçando a importância da abordagem correta no manejo da doença.

Referências

- Almeida, A. J., Reis, N. F., Lourenço, C. S., Costa, N. Q., Bernardino, M. L. A., & Vieira-da-Motta, O. (2018). Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 38(7), 1438–1443. <https://doi.org/10.1590/1678-5150-PVB-5559>.
- Assis, G. S., Romani, A. F., Souza, C. M. de, Ventura, G. F., Rodrigues, G. A., & Stella, A. E. (2022). Esporotricose felina e saúde pública. *Veterinária E Zootecnia*, 29, 1–10. <https://doi.org/10.35172/rvz.2022.v29.594>
- Barros, M. B. L. et al. (2010). Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. *Revista Panamericana de Salud Publica*, Washington, 27(6), 455-460, 2010.
- Bazzi, T., Melo, S. M. P. de, Figuera, R. A., & Kommers, G. D. (2016). Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 36(4), 303–311. <https://doi.org/10.1590/S0100-736X2016000400009>.
- Bison, I. (2019). *Esporotricose felina: Revisão bibliográfica* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Rondônia, Campus Rolim de Moura). Universidade Federal de Rondônia. <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2830>.
- Blankenheim, T. M., Freitas, F. S., & Xavier, I. S. (2023). Esporotricose em felinos. *Revista Científica Unilago*, 1(1). <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1011>.
- Cagnini, P. (2019). *Esporotricose felina: Relatos de casos* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199803/Monografia-RelatosDeCasos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do *Journal of Nursing and Health*, 10(n. esp.), e20104031.
- Costa, G. P., & Teixeira, P. H. G. (2021). Esporotricose felina: Relatos de casos. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, 2(37), 1–6. http://www.fae.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/4rDRbaSlnhDUxXF_2022-2-2-14-51-40.pdf
- Coura, J. R. (2013). *Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias*, 2ª edição. Grupo GEN. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/978-85-277-2275-9>.
- Cruz, Luiz Celso Hygino. Complexo *Sporothrix schenckii*. Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. *Veterinária e Zootecnia*, 20, 08-28, 2013.

- Dias Cavalcanti, E., Camargo Ignácio, T., Kunrath, S. E., Mano Meinerz, A. R., Osório de Farias, R., & da Gama Osório, L. (2018). Esporotricose: Revisão. *Pubvet*, 12(11). <https://doi.org/10.31533/pubvet.v12n11a215.1-5>.
- Ettinger, S. J., Feldman, E. C., & Côté, E. (2022). *Tratado de Medicina Veterinária: Doenças do Cão e do Gato* (8th ed.). Grupo GEN. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788527738880>.
- Farias, M., Rodrigues, R., & outros. (2016). *Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia* (1ª ed., p. 919). Rio de Janeiro.
- Feitosa, F.L. F. (2020). *Semiologia Veterinária - A Arte do Diagnóstico* (4th ed.). Grupo GEN. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788527736336>.
- Ferreira, J. D. S. (2018). *Caracterização fenotípica de cepas dentro do complexo Sporothrix schenckii e correlação com as formas clínicas da esporotricose* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17651/1/JSF11092018.pdf>.
- Ferreira, L. B. S., & Pereira, T. A. (2021). *Avaliação do uso de medicamentos magistrais veterinários* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Uberaba]. Repositório Uniube. <https://dspace.uniube.br/handle/123456789/1552>
- Freitas, D. F. S. (2014). *Avaliação de fatores epidemiológicos, micológicos, clínicos e terapêuticos associados à esporotricose* [Tese de doutorado, Instituto Oswaldo Cruz].
- Garcia, R. F., & Yamaguchi, M. H. (2012). Óleo de Copaíba e Suas Propriedades Mediciniais: Revisão Bibliográfica. *Saúde E Pesquisa*, 5(1). Recuperado de <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/2082>
- Gonçalves, J. C., et al. (2019). Esporotricose, o gato e a comunidade. *Enciclopédia Biosfera*, 16(29), 769–787. https://doi.org/10.18677/EnciBio_2019A62
- Gondim, A. L. C. L., & Leite, A. K. A. (2020). Aspectos gerais da esporotricose em pequenos animais e sua importância como zoonose. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 10(2), 37–44
- Greene, C. E. (2015). *Doenças Infecciosas em Cães e Gatos* (4th ed.). Grupo GEN. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/978-85-277-2725-9>
- Gremião, I. D. F., Martins da Silva da Rocha, E., Montenegro, H., Carneiro, A. J. B., Xavier, M. O., de Farias, M. R., Monti, F., Mansho, W., de Macedo Assunção Pereira, R. H., Pereira, S. A., & Lopes-Bezerra, L. M. (2021). Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. *Brazilian journal of microbiology : [publication of the Brazilian Society for Microbiology]*, 52(1), 107–124. <https://doi.org/10.1007/s42770-020-00365-3>.
- Jericó, M. M., Neto, J. P. D. A., & Kogika, M. M. (2023). *Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos* (2nd ed.). Grupo GEN. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788527739320>
- Giampani Junior, M. A. & Cortezi, A. M. (2023). Esporotricose em felinos: revisão de literatura. *Revista Científica Unilago*, 1(1). Recuperado de <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1010>
- Larsson, C. E. (2011). Sporotrichosis. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, 48(3), 250–259. <https://doi.org/10.11606/S1413-95962011000300010>.
- Little, S. E. (2016). *O Gato - Medicina Interna*. Grupo GEN. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788527729468>
- Lupion, C. G. (2011). *Esporotricose em gatos: Relatos de casos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul durante o ano de 2010* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38644/000792834.pdf?sequence=1>
- Macedo-Sales, P. A., et al. (2018). Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: Limitações da citopatologia por *imprint*. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 9(2), 13–19. http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232018000200002&lng=pt&nrm=iso
- Martins, I. F. B., & Silva, A. (2010). Influência do óleo de copaíba (*Copaifera* sp.) no tratamento de ferida cutânea infeccionada. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 2(supl.), [sem paginação]. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2010.v0i0.%25p>
- Mahajan, V. K. (2014). Sporotrichosis: An overview and therapeutic options. *Dermatology Research and Practice*, 2014, Article 272376. <https://doi.org/10.1155/2014/272376>
- Meinerz, A. R. M., Nascente, P. da S., Schuch, L. F. D., Faria, R. O. de, Santin, R., Cleff, M. B., Madrid, I. M., Martins, A. A., Nobre, M. de O., Meireles, M. C. A., & Mello, J. R. de B. (2007). Esporotricose felina: Relato de casos. *Ciência Animal Brasileira*, 8(3), 575–577. <https://doi.org/10.5216/cab.v8i3.1735>.
- Mendes, F., Sinhorini, J. A., & Cortez, T. L. (2022). Esporotricose canina: Relato de caso. *Pubvet*, 16(08). <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n08a1184.1-5>
- Miranda, L. H. M., Quintella, L. P., Menezes, R. C., dos Santos, I. B., Oliveira, R. V. C., Figueiredo, F. B., & Schubach, T. M. P. (2011). Evaluation of immunohistochemistry for the diagnosis of sporotrichosis in dogs. *The Veterinary Journal*, 190(3), 408–411. <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2010.12.004>
- Nobre, M. de O., Nascente, P. da S., Meireles, M. C., & Ferreira, L. (2002). Drogas antifúngicas para pequenos e grandes animais. *Ciência Rural*, 32(1), 175–184. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782002000100029>
- Pimentel, M. C., et al. (2011). Esporotricose felina – Relato de caso. *XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, XV Mostra de Iniciação Científica e X Mostra de Extensão, Universidade de Cruz Alta*. <https://unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2011/saude/ESPOROTRICOSE%20FELINA%20%C3%A2%E2%82%AC%E2%80%9C%20RELATO%20DE%20CASO.pdf>

- Pereira A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free e-book]. Editora da UAB/NTE/UFSM.
- Pinto, A. de O., Rodrigues, A. J., & Gamba, C. de O. (2018). Esporotricose em felino - Relato de caso. *Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE)*. <https://periodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/18793>
- Pires, C. (2017). Revisão de literatura: esporotricose felina. *Revista De Educação Continuada Em Medicina Veterinária E Zootecnia Do CRMV-SP*, 15(1), 16-23. <https://doi.org/10.36440/recmvz.v15i1.36758>
- Quirino, I. M. J. (2018). *Esporotricose felina* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Tocantins]. <http://hdl.handle.net/11612/5904>
- Ribeiro, E. K. M. (2021). *Metodologias de diagnósticos, tratamentos e perspectivas da esporotricose felina no Brasil: Revisão de literatura* [Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - Faces, Centro Universitário de Brasília - Ceub].
- Rocha, B. de M. (2024). Esporotricose em gato: Relato de caso. *Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR*, 27(2), 252–259. <https://doi.org/10.25110/arqvet.v27i2.2024-11832>.
- Rocha, J. L. T., & Oliveira, M. G. X. de. (2024). Esporotricose felina: Sinais clínicos e prevenção em animais e humanos. *Pubvet*, 18(05), e1591. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v18n05e1591>
- Rocha, R. F. D. B. d. (2014). *Tratamento da esporotricose felina refratária com a associação de iodeto de potássio e itraconazol oral*.
- Rodrigues, A. M., de Melo Teixeira, M., de Hoog, G. S., Schubach, T. M. P., Pereira, S. A., Fernandes, G. F., et al. (2013). Phylogenetic analysis reveals a high prevalence of *Sporothrix brasiliensis* in feline sporotrichosis outbreaks. *PLoS Neglected Tropical Diseases*, 7(6), e2281. <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0002281>
- Santos, A. F., et al. (2018). Guia prático para enfrentamento da esporotricose felina em Minas Gerais. *Revista V&Z em Minas*. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/67432>.
- Schechtman R. C. (2010). Sporotrichosis: Part I. *Skinmed*, 8(4), 216–221.
- Schneider, E. P., et al. (2022). Esporotricose felina: Relato de caso. *Anais de Medicina Veterinária*, 2(1), 38–40
- Silva, B. T. M. da ., & Bentubo, H. D. L. (2021). Localized sporotrichosis in a young feline: case report. *Research, Society and Development*, 10(17), e186101724648. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i17.24648>
- Silva, F. dos S. da, et al. (2020). Esporotricose felina: Um relato de caso de disseminação cutânea e sistêmica em gato negativo para FIV e FeLV. *Revista Brasileira de Ciências Veterinárias*, 27(2), 183–187. <https://periodicos.uff.br/rbcv/article/view/46945>
- Silva, S. M. da. (2015). *Efeitos da aplicação tópica da pomada à base de óleo de copaíba (Copaifera langsdorffii Desf.) puro e ozonizado em feridas experimentalmente induzidas em ratos* [Tese de doutorado, Universidade de Vila Velha]. <https://repositorio.uvv.br/handle/123456789/316>
- Silva, G. M., Howes, J. C. F., Leal, C. A. S., Mesquita, E. P., Pedrosa, C. M., Oliveira, A. A. F., Silva, L. B. G., & Mota, R. A. (2018). Surto de esporotricose felina na região metropolitana do Recife. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 38(9), 1767–1771. <https://doi.org/10.1590/1678-5150-PVB-5027>.
- Sordi, P. da S. B. R. (2023). *Esporotricose felina: Relato de caso* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258475>.
- Sousa, C. C. F. G. de, Mendonça, D. B. M. de, Dutra, R. de S., Lacerda, F. C., Salzedas, B. A., & Siqueira, A. F. P. (2024). Esporotricose em cães: relato de casos. *Brazilian Journal of Animal and Environmental Research*, 7(2), e68719 . <https://doi.org/10.34188/bjaerv7n2-005>
- Souza , A. T. B. L. de . (2024). Levantamento da terapia analgésica em pacientes internados com gastroenterite em uma clínica veterinária na cidade de São Paulo – SP . *Epitaya E-Books*, 1(90), 86-97. <https://doi.org/10.47879/ed.ep.2024677p86>
- Tóffoli, E. L., Ferreira, F. . de M. S., Cisi, V. L., & Domingues, L. M. (2022). Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão. *Pubvet*, 16(12), e1280. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n12a1280.1-7>
- Voesé, F. M. (2021). *Esporotricose ocular num felino: Relato de caso* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232919>
- Welsh, R. D. (2003). Sporotrichosis. *Zoonosis Update*, 223(8), 1123–1126. <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=ade4b6267014447c66c4d0fe70dfa3d71dcc99b6>
- Weiss, D. J., Wardrop, K. J., & Schalm, O. W. (2010). *Schalm's veterinary hematology* (6th ed.). Wiley-Blackwell.
- World Small Animal Veterinary Association. (ca. 2020). *Body condition score cats*. <https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/01/Body-Condition-Score-Cats-Portuguese.pdf>